

A COMUNICAÇÃO BILÍNGUE DO BAIRRO DA LIBERDADE

Marco Souza

Mestre e doutor em comunicação e semiótica, pesquisador do centro de estudos orientais da PUC-SP e professor da Universidade Presbiteriana Mackenzie na área de comunicação.

Cecília Saito

Mestre e doutora em comunicação e semiótica, pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UNISO.

Resumo

Este artigo analisa o Bairro Oriental no Bairro da Liberdade na cidade de São Paulo para mostrar como a utilização espacial dessa extensão específica aparece como uma dimensão resultante das relações estabelecidas entre espaço e indivíduo através de valores culturais.

Palavras-chave: Mídia, cidade, bairro

Abstract

This article analyses the Oriental District area in the neighborhood of Liberdade in São Paulo, the text wants to show how the spatial use of this specific extension appears as a certain dimension of relations between space and individual through cultural values.

Keywords: Media, city, neighborhood

Resumen

Este artículo analiza el área del Distrito Oriental en el barrio de Liberdade, en São Paulo, el texto quiere mostrar cómo el uso espacial de esta extensión específica aparece como una cierta dimensión de las relaciones entre el espacio y el individuo a través de los valores culturales.

Palabras clave: Medios de Comunicación, de la ciudad, el barrio

Um bairro dentro de outro, essa é a dinâmica existente no Bairro da Liberdade na cidade de São Paulo que envolve a chamada região do Bairro Oriental¹ no Bairro da Liberdade, não é, na verdade, um bairro propriamente dito, mas apenas um espaço delimitado dentro do espaço da Liberdade. Esse espaço é, habitualmente, definido como uma localidade tradicional de comércio e também como uma espécie de micro-cosmos (tanto que é referido como um bairro inteiro) que possui determinadas características muito particulares que, mesmo sujeitas a algumas transformações advindas da passagem do tempo, persistem e acabam, em certo sentido, por “individualizá-lo” de maneira inconfundível.

No processo de urbanização-metropolitização da cidade de São Paulo, toda a formação histórica, social e cultural do espaço do Bairro Oriental é resultado de uma série de circunstâncias e de modificações. Entre esses dois pontos, a constituição desse espaço pode ser compreendida considerando-se aspectos econômicos e culturais do local e do grupo étnico que dele se apropriou. É por causa disso que a característica sempre lembrada e ressaltada é o entendimento do Bairro Oriental como resultante de uma concentração urbana feita por um determinado conjunto de pessoas que compartilham uma etnia comum. Por isso, a principal força de ocupação e de formação do Bairro Oriental advém, inicialmente, de uma população de imigrantes japoneses, mas, atualmente, esses predicados foram também assumidos por uma população de imigrantes chineses e coreanos. Com isso, é possível apontar a presença de uma etnia asiática que justifica a associação da palavra bairro com a palavra oriental. Portanto, o Bairro Oriental nunca foi um gueto porque nenhum dos componentes étnicos dessa população foi forçado a viver nessa área, muito pelo contrário, eles escolheram viver nessa área. Isso aconteceu, justamente, por uma série de fatores provenientes, principalmente, de questões econômicas².

A paisagem humana particular acabou condicionando a própria paisagem urbanística do Bairro da Liberdade. Algo que ocorreu porque certos grupos (como esse citado grupo étnico) criam, através de suas experiências pessoais, espaços na cidade e nele se reconhecem e elaboram referenciais para a mobilidade de suas necessidades sócio-econômicas e para a manutenção de suas identidades culturais. Por isso, é também indispensável considerar a interação indivíduo-grupo-espaço que envolve dimensões culturais, semânticas, estéticas, sociais e psicológicas. Afinal, entender como o elemento humano se relaciona com o elemento espacial, é entender como acontece uma parte significativa da configuração e da estruturação desse mesmo espaço. Uma possível definição para esse processo estaria na afirmação da existência de fundamentos que tem como base uma atividade relacional entre o ser humano e o ambiente em que se vive.

O processo de apreensão humana do espaço é um mecanismo ligado ao conhecimento, que aqui deve ser entendido como uma maneira de pensar, de atuar e de interatuar de acordo com estruturas e ligações que dão suporte a essas operações. Sendo que tudo isso é determinado pelo movimento de um indivíduo e de um grupo de indivíduos sobre as porções geográficas do mundo. Da movimentação humana, sobre essas superfícies do mundo e sobre os usos realizados nessas superfícies, resulta um conjunto de conexões e de sentidos que vão compor uma realidade espacial única para o indivíduo e para a coletividade.

O Bairro Oriental resulta, do mesmo modo, da atividade de seus habitantes e da maneira que eles o vivenciam e o conformam. É todo um jogo de forças e de contatos que permite infinitas possibilidades de esquematizações e de fragmentações. E entre todas essas possibilidades, por exemplo, para perceber o espaço sensorialmente é preciso toda uma mensuração que se estende por níveis topológicos do tátil, do visual e do sonoro que servem de referência para o conhecimento da cidade como itinerário, como colorido dos sinais, como altura dos edifícios, etc. São condições que ficam claras ao se acompanhar uma descrição sensorial (com as regras gramaticais da época em que foi escrita) dessa área do Bairro da Liberdade que:

“Está situada, com aquela, proxima do centro comercial e é, em sua quase totalidade formada de construção antiga, o que facilita a constituição de moradias coletivas. O comercio, neste trecho, é feito em geral por japoneses, emprestando ao ambiente um cunho oriental bastante curioso. Ali são encontrados, com facilidade, produtos típicos, como o “Aji-no-moto” ou o “Caril Shinyo”, importados diretamente e toda a sorte de bijuteria delicada e interessante, que só o japonês sabe executar com tanta perfeição e habilidade. E os anúncios e as placas dos estabelecimentos comerciais? Escritos, em parte, com os caracteres adotados no País do Sol Nascente, emprestam ao ambiente um cunho especial. Aqui é uma taboleta de uma pensão japonesa, ali de um hotel, acolá de um barbeiro ou de um tintureiro. De tudo encontramos quitandas, leiterias, confeitarias, marcenarias, sapatarias, farmacias, livrarias e até casa bancaria, sempre com empregados e profissionais japoneses ou filhos de japoneses. Houve época em São Paulo, em que a maior parte dessas casas comerciais apresentavam suas placas escritas, unicamente, em japonês. Algumas ainda ostentam a referencia japonesa por baixo da denominação em português.” (ARAÚJO, 1940,p. 273).

Obviamente, um número considerável de décadas separam o momento em que a passagem do texto acima foi escrita e o tempo presente. Mesmo assim, esse relato retrata o que acontece ao se enxergar determinados detalhes de um Bairro Oriental que é detentor de uma imagem urbana que se espacializa na cidade de São Paulo, mas que também se estende por muitos outros lugares ao falar em línguas variadas e ao entrecruzar culturas, sabores, odores, temporalidades e estranhezas. De fato, o que está em causa não é somente a visão, mas, todos os sentidos. Não é somente a percepção, mas, todos os modos de relação do indivíduo com o mundo. Desse jeito, o espaço nunca é neutro, nunca é uma extensão inerte e vazia a ser preenchida e moldada, exclusivamente, pelos desígnios de algum plano urbanístico.

É uma situação que se distingue, com clareza, no caso específico do Bairro Oriental, no qual o espaço é também identificado através da própria identidade cultural de uma determinada população que o habita. Produz-se uma espécie de visibilidade que não deixa à vista uma única identidade, mas, que cria identidades que humanizam e relacionam o espaço através de laços de convivência e de sensações de pertencimento. Com isso, os usos aparecem relacionados à produção das formas espaciais. O uso é a forma espacial em processo. O uso guarda a dimensão da vida humana que se elabora e se reelabora através de práticas sociais, culturais e espaciais, é uma rede de conexões que demonstra como o espaço também é construído por meio de um percurso comunicacional que se organiza entre as intenções culturais do habitante espacial e os efeitos dessas intenções nas formas espaciais.

Indo além da “superfície visual” do Bairro Oriental, vê-se a expressão de uma escritura sobre a cidade de São Paulo que extrapola qualquer padronização uniformizante e perceptiva de suas imagens para revelar a própria cidade como uma espécie de corpo vivo e extensivo aos seus habitantes. Tal escritura acaba se configurando como um cruzamento de linguagens cujo acesso é resultado de um processo de interrelacionamento do ser humano com o espaço urbano que ele habita. Instaurando-se um tipo de escrita urbana que ultrapassa a visualidade proporcionada por uma perspectiva urbanística superficial, e permite detectar, pelo uso dos espaços como comunicação, as marcas humanas da cidade. O Bairro Oriental é definido a partir de critérios objetivos, apurados diante do espaço sensível, e a partir de critérios que mergulham na intersubjetividade do grupo específico que nele vive e o aceita enquanto bairro.

Essas duas dimensões se interpenetram, algo que acontece não só por causa das multiplicidades da linguagem urbana, mas, devido às complexidades da representação, do uso e do imaginário humanos exteriorizados pelas marcas que os habitantes imprimem na metrópole paulistana.

“As pessoas inconscientemente ou conscientemente sempre “demarcam” seus bairros, a partir de marcos referenciais que elas e, certamente outras antes delas, produzindo uma herança simbólica que passa de geração a geração, identificam como sendo interiores ou exteriores a um dado bairro. Os limites do bairro podem ser imprecisos, podem variar um pouco de pessoa para pessoa. Mas se essa variação for muito grande, dificilmente estar-se-á perante um bairro, porque dificilmente haverá um suporte para uma identidade razoavelmente compartilhada, ou um legado simbólico suficientemente expressivo. Para existir um bairro, ainda que na sua mínima condição de referencial geográfico, é necessário haver um considerável espaço de manobra para a intersubjetividade, para uma ampla intersecção de subjetividades individuais.” (SOUZA, 1989, p. 150).

Diante disso, entender o Bairro Oriental como o resultado das formas de utilização que agiram e que agem sobre esse espaço, é também discernir os contornos e as especificidades próprias das identidades culturais de um grupo heterogêneo de imigrantes e de descendentes de imigrantes que constituiu esse Bairro Oriental como um espaço marcado culturalmente e também como um espaço relevante na vida social e econômica da cidade de São Paulo. Seja através de seu aspecto ou de seu simbolismo visual, o Bairro Oriental se materializa como uma imagem urbana exposta através de seu vínculo com uma imigração asiática que trouxe uma maneira de vida, uma linguagem, uma comercialização e uma culinária marcadas por diferentes significados. Tentar distinguir os vestígios deixados pelos habitantes do Bairro Oriental revela-se um empreendimento que depende das relações que estabeleceram essa área como uma região caracteristicamente comercial.

No caso específico do Bairro Oriental³, existe um ambiente composto por ruas de compras tradicionais com lojas de ambos os lados das ruas. Esse espaço comercial, atualmente, aparece de forma expandida através da presença de estabelecimentos comerciais variados localizados nas citadas ruas estreitas. A rua é uma entidade cujas formas diretrizes não são as dos edifícios, mas as de lugar de passagem e de encontro. A descoberta do outro se inclui como característica humana a ser perseguida no espaço público, em oposição aos confinamentos de espaços fechados. Assim, é pela lógica do espaço público da rua, que os caminhos dos usos do estabelecimento comercial — que é, simultaneamente, público para os clientes e privado para os proprietários — são marcados por maneiras distintas de adequação. No Bairro Oriental, até mais que os restaurantes de comida oriental, as lojas são os estabelecimentos comerciais que mais se destacam não só por serem as instalações mais conhecidas e procuradas pelo público consumidor que frequenta a área, mas, também por tornarem visível o fato de que nenhum momento da produção espacial desaparece totalmente, seja através dos traços da paisagem, seja da cultura ou do imaginário da sociedade.

Toda loja é um espaço. Através de uma única olhada é possível criar, automaticamente, uma impressão característica sobre o tipo de espaço que a loja representa. O espaço é um fator fundamental que reflete a ambientação, o estilo, a qualidade, o tom e a atmosfera de cada loja. Por isso, o planejamento espacial da loja é importante por várias razões que influenciam a capacidade do estabelecimento em atrair a atenção e a frequência do seu público consumidor, qualquer projeto de organização da loja faz uma distinção entre o espaço interno e o espaço externo da edificação comercial.

Desde o surgimento dessa divisão entre o lado de dentro e o lado de fora da loja, o lado de fora tem como função não só suscitar alguma forma de atração no possível consumidor, mas, tem, igualmente, a função de deixar à vista quais são as principais características da loja como o seu nome e a sua especialidade comercial. Assim como há o espaço interno e o espaço externo da loja, esse mesmo espaço externo da loja pode ser também dividido entre espaço objetivo e espaço subjetivo. O espaço externo de cada loja permite visualizar não apenas um único significado.

No Bairro Oriental, essa é uma situação que salta aos olhos quando se observa as já mencionadas (ARAÚJO, 1940) placas das lojas escritas na língua original dos imigrantes asiáticos. Por causa da grande distância geográfica de sua terra natal, os imigrantes implementam e mantêm sua língua de origem como parte de uma identidade cultural que é prolongada e também alterada na ocupação do país para o qual emigraram. Após décadas e muitas gerações de asiáticos nascidos no Brasil (não sendo mais, obviamente, asiáticos e sim brasileiros) depois da chegada ao Bairro da Liberdade, a utilização dessa língua original sofreu transformações que podem ser constatadas nos anúncios e nas placas das lojas situadas no Bairro Oriental. As placas das lojas do Bairro Oriental podem ser entendidas como referentes emblemáticos que expressam e tornam visível como o idioma é também um espaço no qual a identidade cultural se manifesta e tenta sobreviver.

O que se constata é que pouco se pesquisou, de fato, sobre como aconteceu o desenvolvimento do quadro de produção e de consumo de placas de estabelecimentos comerciais na cidade de São Paulo e, conseqüentemente, muitíssimo pouco se explorou sobre a especificidade dessa produção e o uso que é feito dela em relação aos seus conteúdos estéticos e culturais. Na sua condição mais imediata de elemento de fruição visual, a maneira pela qual as placas de estabelecimentos comerciais e os sistemas que a partir delas são montados acabam se integrando às significações visuais da cidade, demonstram um conjunto considerável de operações que dependem de práticas que não envolvem apenas padrões de gosto e de conformidade estética. A placa tem uma espécie de caráter ordenador que funciona como elemento constituinte de uma realidade visual referente ao estabelecimento comercial do qual ela faz parte. Diante disso, pode-se questionar como é possível relacionar as placas do Bairro Oriental com a formação e a expressão de identidades culturais. Toda placa é, simultaneamente, uma composição visual e é também uma estrutura que torna algo visível. Toda placa produz, traduz e introduz um significado. Toda placa pode ser entendida como um processo de significação.

Ao se acompanhar o percurso histórico das placas do Bairro Oriental, percebe-se, inicialmente, a utilização de placas com, exclusivamente, caracteres japoneses. Esse tipo de placa unilíngue reflete como o espaço comercial do Bairro Oriental era imageticamente estruturado como uma área frequentada e consumida por uma população vinda, quase que exclusivamente, dos imigrantes japoneses. Até que se passa a utilizar placas bilíngues, o que demonstra como o espaço comercial do Bairro Oriental tornou-se uma região ajustada ao âmbito urbano da cidade de São Paulo, já que a idiomatização bilíngue indica o acréscimo de uma estrutura imagética que possa atender aos imigrantes japoneses e ao resto da mescla populacional paulistana. A placa bilíngue passa, então, a dividir seus caracteres com mais duas etnias, os chineses e os coreanos. É o momento presente, no qual o espaço comercial do Bairro Oriental apresenta uma estrutura imagética onde uma heterogeneidade étnica (que suplanta a homogeneidade étnica japonesa) é o mais visível. O Bairro Oriental vai produzindo o reproduzível, imitando a produção do passado, reproduzindo seu laço com um passado vinculado a uma imigração japonesa no singular e, ao mesmo tempo, dando lugar a um presente vinculado a uma imigração asiática no plural.

O Bairro da Liberdade possuía uma imagem urbana que é modificada, que sofre uma transformação visual por causa desse “assentamento asiático”, e essa transformação é vista na presença das placas com caracteres orientais que se destacam como o elemento visual constante (desde de 1912 até hoje) e perceptível da redefinição da imagem urbana (anterior as placas) do Bairro da Liberdade. A gramática bilíngue das placas não reflete apenas uma forma diferenciada de comercializar, de sinalizar e de organizar a área urbana do Bairro Oriental. Reflete também todo um complexo processo de comunicação ligado ao tipo de identidade cultural que foi sendo escrita nesse espaço na mesma medida em que as placas também passaram a representar uma referência

simbólica de identidades culturais anteriores que ainda continuam manifestas no meio de outras identidades do período atual. O Bairro Oriental como um lugar de referência cultural é o que fica claro nas declarações do empresário comercial Masakazu Sasaki, que emigrou do Japão para o Bairro da Liberdade da cidade de São Paulo em 1947, e que ao responder o porquê de ainda colocar uma placa bilíngue diante de seu estabelecimento, afirma, simplesmente, que é para que saibam que eu não sou chinês e nem coreano.

É pelos caracteres da placa bilíngue que ele transmite sua identidade étnica-cultural, seu pertencimento a um grupo, seu reconhecimento de que o Bairro Oriental já não é mais, essencialmente, japonês, e seu uso visual singular que tem como intenção distinguir um espaço urbano próprio. Para ele, a placa bilíngue não identifica apenas o seu estabelecimento comercial, ela é uma intenção visual, objetiva e subjetiva, que comunica particularidades. As placas bilíngues funcionam como uma comunicação complexa das relações espaciais que combina ação individual e uso particular. O Bairro Oriental é um espaço de sobreposição das memórias e dos modos da vida dos japoneses, e também dos chineses, dos coreanos, e de outros habitantes e de outras nacionalidades que tiveram a oportunidade de viver nessa área específica. A área do Bairro Oriental no Bairro da Liberdade permite enxergar as transformações e identidades e da cidade de São Paulo.



Referências

HARAÚJO, Oscar E. “*Enquistamentos Étnicos*”. In: Revista do Arquivo Municipal de São Paulo. São Paulo, 1940, set., nº 125, pp. 271-282.

SOUZA, Marcelo José Lopes. “*O Bairro Contemporâneo: Ensaio de Abordagem Política*”. In: Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, 1989, nº 51, pp. 140-151.

Notas

¹ A área do Bairro Oriental no Bairro da Liberdade corresponde, atualmente, aos seguintes limites: a Praça da Liberdade como núcleo, a esquina da Rua Glória com a Rua Conde de Pinhal ao norte, a Avenida Liberdade ao oeste, a Rua São Joaquim ao sul, e a Rua Conselheiro Furtado a leste.

² A “posse” do Bairro da Liberdade pelos imigrantes japoneses começa em 1912. Os dois motivos principais da escolha dessa área são descritos como a grande quantidade, naquela época, de casas com aluguéis baratos e a proximidade com o centro da cidade de São Paulo. Sendo que, atualmente, o Bairro da Liberdade faz parte da região central da cidade de São Paulo e é classificado como distrito sub-central.

³ Os imigrantes japoneses, a primeira leva de imigração oriental do Bairro da Liberdade, diferem dos sírios, libaneses, chineses e coreanos, por terem sido basicamente agricultores no início da imigração. Após o início da imigração, cerca de 190 mil japoneses imigraram para o Brasil durante 30 anos, e, conseqüentemente, grande parte desses imigrantes continuou no país e perpetuou gerações. A maioria chegou aos cafezais do estado de São Paulo como colono e iniciou a ascensão social a partir da camada mais pobre da sociedade rural. De acordo com o senso demográfico estadual de 1934, 92 % da população japonesa residia na sociedade rural e trabalha como agricultor. Até pouco depois da Segunda Guerra Mundial, essa população continuava sendo, grandemente, rural. A urbanização dos imigrantes japoneses começou a crescer a partir do final da década de 40 do século passado, e, segundo o senso de 1958, 44,9 % fazia parte da população urbana, e estima-se que esse número subiu até 89,2 % dos 1.168.000 da população total de nikkeis, segundo o senso demográfico de 2013. Atualmente, esse faixa populacional pertence, essencialmente, aos níveis das camadas urbanas.